

O VALOR ICÔNICO DA MAIÚSCULA

Darcilia Simões (UERJ)

darcilia.simoes@pq.cnpq.br

Itamar José de Oliveira (UERJ)

ijoliveira@hotmail.com

1. Introdução

A escrita foi inventada há mais de 6.000 anos para acompanhar o desenvolvimento de diversos agrupamentos humanos, de acordo com Cohen (1961). Ela surgiu para atender às necessidades da vida de povos que evoluíram em suas regiões simultaneamente com outros, ou seja, esta evolução aconteceu ao mesmo tempo em outros grupos, o que proporcionou o aparecimento de diferentes escritas, todas elas rudimentares e de acesso restrito aos soberanos, cientistas e intelectuais da época.

Ainda segundo esse autor, antes mesmo da escrita rudimentar, houve o período da pré-escrita ou pictografia, que consistiu na produção de desenhos em uma ou mais cores. Com o tempo, a esses desenhos foram acrescentados sinais que, aperfeiçoados, deram origem às primeiras letras. A invenção da escrita aconteceu em consequência das exigências da religiosidade, da matemática e das letras porque era preciso registrar fatos das divindades, os estudos com os números e produzir os primeiros textos.

Muitas civilizações sobreviveram e outras foram conquistadas por diferentes grupos, e por isso suas línguas e escritas desapareceram, como aconteceu com os maias, na América Central, que tiveram a sua cultura (oral e escrita) dominada pela dos espanhóis.

Com a invenção das primeiras letras, a escrita era realizada por homens que dominavam a arte de registrá-la em madeira ou pedra, os escribas, que, entretanto, não sabiam ler o que “escreviam” e, por isto, entalhavam os textos artisticamente, criando estilos próprios.

Vários séculos mais tarde e diferentes alfabetos criados (por exemplo, o dos chineses, japoneses, árabes e russos) foi preciso normatizar os usos. Coube à gramática essa tarefa. Na língua portuguesa, a gramática normativa é a responsável por nos indicar o caminho rumo ao uso de acordo com a norma padrão. Essa norma nos diz quando devemos usar as letras maiúsculas em alguns substantivos (antropônimos, parônimos, intitlativos e vocábulos em homonímia), mas esta determinação não está sendo cumprida, comprometendo a sua iconicidade.

Apresentaremos nesta comunicação alguns exemplos colhidos em textos acadêmicos, nos quais o uso das iniciais maiúsculas não obedece às normas gramaticais. O trabalho tem como bases teóricas as orientações de gramáticas da língua portuguesa (ROCHA LIMA, 1985, e BECHARA, 1999), a *Iconicidade Verbal* (SIMÕES, 2009) e a *Gramática Sistêmico-funcional* (HALLIDAY, 1984, 2004).

2. As bases teóricas

Consultamos a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima, e a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, sobre o uso das letras iniciais maiúsculas. Os dois autores nos dão as mesmas instruções acerca da utilização dessas iniciais.

A fim de mostrar uma dessas normatizações, destacamos o excerto a seguir em que estão listadas as situações de uso das iniciais maiúsculas:

- 1º) No começo do período, verso ou citação direta ... 2º) Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topônimos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas, etc. ... 3º) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis ... 4º) Nos nomes de vias e lugares públicos ... 5º) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas ... 6º) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber ... 7º) Nos nomes que designam altos

cargos, dignidades ou postos ... 8º) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares ... 9º) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas ... 10º) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos ... 11º) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino ... 12º) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios ... 13º) Nos nomes de pontos cardeais, quando designam regiões ... 14º) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência ... 15º) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira ..." (BECHARA, 1999, p. 102-105).

A teoria da iconicidade verbal vem sendo desenvolvida por Simões, baseando-se em orientações de dissertações e teses, aulas em cursos de graduação, mestrado e doutorado, e “suruiu da necessidade de criar-se uma base teórica, que observasse o signo em sua materialidade (sonora ou visual)” (SIMÕES, 2009, p. 68). O signo, do latim *signum*, é, de acordo com o *Dicionário Houaiss*: “sinal indicativo, indício, marca, símbolo”, e forma juntamente com o interpretante e o objeto a tríade que permite-nos conhecer o significado, isto é, com base na junção destes três elementos (signo, interpretante e objeto) chegamos à imagem (ícone) verbal ou não verbal do que é dito na modalidade escrita ou oral.

A gramática sistêmico-funcional uma criação de M. A. K. Halliday, vem sendo adaptada para as línguas de diversos países, incluindo o Brasil. Sua teoria tem como base os usos da língua como fator social; reconhece que a linguagem é uma entidade viva e variável, presente em situações, grupos e locais; está sujeita à influência destes e de outros fatores e possui um potencial de significados à disposição dos falantes, que dela se utilizam para estabelecer relações entre si. Embora as metafunções (ideacional, interpessoal e textual) aconteçam simultaneamente, interessa-nos para esta comunicação a textual, que se refere à organização da informação, portanto observará a função da inicial maiúscula.

3. *Discussão*

Cabe à gramática normativa determinar qual a maneira de se utilizar as letras maiúsculas iniciais. Baseando-se na Teoria da Iconicidade Verbal, essas maiúsculas têm valores semióticos, icônicos que podem ser interpretados pelos leitores não como simples marcas de obediência às normas, mas também como indicadores de classe e subclasse de palavras no plano da gramática, e de importância, reverência, autoridade ou individualização na perspectiva semiótico-funcional.

A inicial maiúscula distingue o substantivo próprio do substantivo comum, como na frase retirada da entrevista concedida pelo jogador de futebol Fred (Frederico Chaves Guedes) às “páginas amarelas” da revista *Veja*, de 17 de julho de 2013, num exemplo de homonímia ou mesmo um jogo de palavras: “O Mano não foi meu *mano*...” [registro em itálico feito pela revista]. Aqui, *Mano* grafado com o M maiúsculo refere-se ao treinador Mano Menezes, cujo nome é Luiz Antônio Venker Menezes. *Mano* é um codinome, o apelido pelo qual o treinador de futebol é conhecido, assim como Fred é uma antonomásia do jogador Frederico. Segundo Rocha Lima, as iniciais maiúsculas são usadas em “nomes de pessoas (prenomes, sobrenomes, cognomes, alcunhas, hipocorísticos, antonomásticos; os relativos a divindades e seres fabulosos)” (1985, p. 53). Em contrapartida, *mano* com a inicial minúscula é sinônimo de *irmão, amigo ou companheiro*.

Também com base na iconicidade verbal verifica-se a questão da extensão/compreensão dos significados por meio das iniciais maiúsculas. Ao lermos as frases:

- 1) Muitos países consideram *a educação pública* um fator de desenvolvimento.
- 2) No Brasil, a *Educação Pública* não recebe a devida importância.

No exemplo 1, notamos maior extensão e menor compreensão do significado da expressão *a educação pública*; mas no exemplo 2, o uso das letras E e P maiúsculas

culas faz com que a compreensão se amplie em proporção inversa à extensão da expressão *a Educação Pública*. As iniciais maiúsculas qualificam e delimitam a abrangência da descrição definida *a educação pública*, que neste caso designa uma *instituição*, quando no exemplo 1 denominava um *conceito*.

Na linguística sistêmico-funcional a linguagem é um recurso para criar e trocar significados, é também um tipo particular de sistema semiótico que tem como base a gramática, e sua materialização, de acordo com Halliday e Mathiessen (2004), acontece no texto quando as pessoas falam ou escrevem. Ainda de acordo com esses autores, o termo texto é referente a qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, que faça sentido para quem conhece a língua.

Todo texto está sempre inserido num contexto que, no caso da gramática sistêmico-funcional, são dois: o de situação e o de cultura. O contexto de situação (microtexto) é o ambiente no qual o texto funciona, isto é, dependendo do contexto em que um enunciado é proferido, diferentes leituras podem ser feitas. O de cultura (macrotexto) é o ambiente social (a escola, a família, a igreja, os grupos de amigos e de trabalho etc.) que inclui ideologia, convenções sociais e instituições. Em síntese, o texto faz parte de um contexto e, tratando-se da gramática sistêmico-funcional, é necessário que ele esteja inserido nos contextos de situação e de cultura para que a compreensão seja realizada, que os significados sejam apreendidos.

4. Alguns exemplos

Selecionamos fragmentos de textos acadêmicos nos quais verificamos usos em desacordo com a sistematização gramatical. Os exemplos estão agrupados conforme as definições de Bechara (1999, p. 102-105) acerca do uso das iniciais maiúsculas.

Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topônimos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, desig-

nações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas etc.: (BECHARA, 1999, p. 103)

A) Topônimos:

“(...) em países europeus, asiáticos, e na Oceania e no oriente médio.”

“(...) escolares do ensino médio da rede pública da cidade de Curitiba.”

“(...) residentes no estado de Pernambuco, Brasil.”

“(...) no período de janeiro de 2006 a dezembro de 2007, no município de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.”

“Centro de Ciências da Saúde, cidade universitária, Rio de Janeiro – RJ.”

“Até o momento, apenas um inquérito foi desenvolvido na região nordeste (...).”

B) Intitulativos:

“(...) será necessário um decreto do governador do estado com a definição das normas de progressão.”

“Os resultados apontaram subutilização dos serviços de saúde pelos quilombolas.”

“(...) posto de saúde Madre Tereza de Calcutá (PS-MTC).”

“(...) foram registradas 120 reclamações pela gerência de control de zoonoses da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.”

“Senhor editor, (...).”

C) Descrições definidas: são os sintagmas nominais que começam pelos artigos definidos e seus respectivos plurais. Elas podem aparecer pela primeira vez no texto (nova no discurso) ou fazer referência a vocábulos ou expressões apresentados anteriormente, de acordo com Haag & Othero (2003), e funcionam como nomes próprios, segundo Frege (1978).

“Ainda sob o calor das cinzas da grande calamidade que foi a segunda guerra mundial (...).”

“Entretanto, os setores progressistas perderam espaço no governo José Sarney (...).”

“(...) o governo Itamar Franco optou por um ajuste macroeconômico.”

5. Conclusão

A gramática normativa regulamenta as situações em que as letras iniciais maiúsculas devem ser usadas. A teoria da iconicidade verbal vê nessas maiúsculas um ícone dos nomes próprios, além de fator de individualização de um substantivo, bem como índice de importância, reverência ou autoridade. A maiúscula também funciona como signo distintivo de classe e subclasse como se viu no exemplo “mano/Mano” e em outros casos como recreio (hora de descanso e lazer) e Recreio (revista infantil), papa (farinha cozida em água ou leite, mingau, alimento pastoso), Papa (o chefe supremo da Igreja), e assim por diante.

Na *Gramática Sistêmico-funcional*, a base é o uso da língua como fator social; a linguagem é viva, abriga inúmeros significados à disposição dos usuários e é fundamental para a comunicação entre eles. Sendo a linguagem um sistema semiótico, cabe ao usuário escolher os elementos linguísticos de acordo com a intenção comunicativa, os interlocutores e o modo de organização do texto. Segundo Halliday e Mathiessen, a gramática é a unidade central da linguagem, assim sendo, é natural que os sistemas da fala e da escrita, por meio dos quais são criados os significados, reflitam a estrutura gramatical da língua, e cabe ao falante ou escritor fazer uso dessa estrutura.

A língua é um bem cultural, um patrimônio dos indivíduos que a utilizam conforme as suas condições socioculturais, a fim de concretizar seus objetivos de comunicação. Esses indivíduos são livres para encontrar as melhores e mais fáceis formas de realiza-

rem essa interação social. A gramática sistêmico-funcional que trata a língua como um sistema (redes linguísticas interligadas) e uma funcionalidade (mostra as estruturas gramaticais em relação ao significado), oferece opções aos usuários, mas lembra que elas devem ser buscadas na gramática, ou seja, esta orienta a organização da expressão.

A iconicidade e a indexicalidade como signos de autoridade, de importância, de reverência e de individualização, segundo a teoria da iconicidade verbal, também serve como baliza para o uso das iniciais maiúsculas, associando-se à sistematização proposta pela gramática normativa e, em muitos casos, corroborando-a. Portanto, os usuários devem dominar as regras que disciplinam o emprego das letras iniciais maiúsculas, para que possam usá-las com propriedade, de acordo com as suas intenções e diferentes contextos linguísticos. E mais: é possível imprimir-lhes novos valores segundo usos estilísticos conforme já o vimos, por exemplo, na literatura e seus efeitos alegóricos.

Finalizando, cumpre dizer que a variedade linguística praticada nos textos formais, sobretudo nos acadêmicos e científicos, é a norma culta, cuja gramática oferece normas gerenciadoras do emprego das iniciais maiúsculas. Portanto, textos dessa natureza que infringem as normas cometem erros que precisam ser corrigidos, uma vez que tais textos são tomados como exemplo pelos estudantes, que repetirão os usos encontrados nos textos lidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

COHEN, M. *A escrita*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1961.

FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FUZER, C.; CABRAL S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, 2010.

HAAG, C. R.; OTHERO, G. A. Anáforas associativas nas análises das descrições definidas. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 1, n. 1, 2003. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: 15-08-2013.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, M. I. K. *An Introduction to Functional Grammar*. Disponível em: <<http://hoddereducation.com>>. Acesso em: 07-08-2013.

HOUAISS, Instituto. *Dicionário Houaiss eletrônico*. Versão monousuário 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

Revista *Veja*. Edição 2330, de 17 de julho. São Paulo: Editora Abril, 2013.

SIMÕES, D. *Iconicidade verbal: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009.